

# TECNOLOGIAS COMO FERRAMENTA PARA COOPERAÇÃO E INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Juliana Cordeiro Soares Branco

Lorna das Graças Martins Rosa Pires Pinheiro de Azevedo

Márcia Cassitas Hino

Wagner Corradi

## Resumo

Este artigo versa sobre as possibilidades do uso de tecnologias digitais na educação como alternativa de expansão das fronteiras universitárias, contribuindo para o enriquecimento das ações educacionais em instituições de ensino superior brasileiras. O processo de internacionalização é um fator importante para promover uma educação de qualidade. Com a integração de diferentes culturas, valores, conceitos, processos e significados, o processo de internacionalização cria um ambiente de construção colaborativa e, conseqüentemente, inovação. Em seguida são apresentadas duas experiências inovadoras: uma no processo seletivo do Programa Minas Mundi da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e outra de colaboração internacional desenvolvida no Instituto Superior de Administração e Economia da Fundação Getulio Vargas (ISAE/FGV). As experiências apresentadas demonstram a importância do protagonismo entre as partes envolvidas no processo, a necessidade de se ter objetivos claros e contar com suporte institucional e também destacam o papel que a tecnologia tem neste cenário.

**Palavras-chaves:** tecnologias Educacionais, aprendizagem virtual, internacionalização.

## Abstract

This article discusses the possibilities of the use of digital technologies in education as an alternative to expand university boundaries, contributing

to the enrichment of educational actions in Brazilian higher education institutions. The internationalization process is an important factor to improve quality education. With the integration of different cultures, values, concepts, processes and means, the internationalization process creates an environment of collaborative construction and, consequently, innovation. Two innovative experiences are presented: one in the Minas Mundi Program selection process at the Federal University of Minas Gerais (UFMG) and the other in an international collaboration initiative developed by ISAE - Higher Institute of Administration and Economics. The experiences presented demonstrate the importance of the protagonism among the parties involved in the process, the need to have clear objectives and have institutional support and highlight the role of technology in this scenario.

**Key-words:** Educational Technologies, virtual learning, internationalization.

## 1 Introdução

Diante dos desafios e oportunidades que se apresentam frente ao processo de globalização, as Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, sobretudo as públicas, buscam alternativas de favorecimento da expansão de suas fronteiras por meio de parcerias e convênios com outras instituições nacionais e/ou internacionais, com o objetivo de enriquecer suas ações de ensino, pesquisa e extensão – pilares de sustentação universitária.

Imersa neste cenário, a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), com 28 anos de existência, busca desenvolver um processo de cooperação e internacionalização universitária que reflita sua identidade, promova ações abrangentes, sustentáveis e que fomentem a inclusão social e global de estudantes, professores e demais colaboradores. Assim, com vistas ao fortalecimento e enriquecimento das ações universitárias de ensino, pesquisa e extensão, é fundamental a criação de oportunidades de intercâmbio cultural, troca de experiências, networking, trabalhos e pesquisas colaborativas, consultorias, inovações, estímulo à fluência em idiomas estrangeiros, dentre tantos outros benefícios que vão muito além do processo restrito de deslocamento de pessoas para diferentes regiões geográficas.

Considerando a complexa realidade multicampi e multicursos da Instituição, este artigo traz reflexões sobre o uso de tecnologias digitais no processo de promoção da internacionalização da educação.

Segundo Knight (2003, 2012), internacionalização é um processo necessário para uma educação de qualidade, o qual se apresenta com três dimensões: a dimensão internacional, a dimensão intercultural e a dimensão global. A dimensão internacional diz respeito às relações entre nações, culturas e países. A dimensão intercultural é utilizada para expressar a diversidade de culturas nas nações, países e empresas. Por fim, a dimensão global acrescenta uma visão mundial, sem barreiras. Exatamente por ser um processo, não existe um padrão, sendo necessário analisar cada instituição. Entre as ameaças a esse processo destacam-se a falta de mobilidade e o custo elevado para os potenciais participantes.

Ao discutir sobre qualidade da educação também é preciso entender que a missão das universidades vem se ampliando como forma de adaptação às necessidades atuais. É preciso preparar os cidadãos para um mundo interligado e global, promovendo o respeito à multiplicidade de valores, às diversidades culturais e à tolerância entre os povos. Promover experiências internacionais como forma de tornar os profissionais mais competitivos no mercado global passa a ser objetivo da internacionalização, sendo incluída essa responsabilidade na missão de diversas universidades (KNIGHT, 2012; STALLIVIERI, 2002). Processos de internacionalização no ambiente educacional são uma resposta a essa necessidade, deixando de ser considerado um “luxo”. O processo de internacionalização pressupõe a cooperação científica, tecnológica e acadêmica em diferentes níveis. A ausência de cooperação, ou a sua limitação pode retardar o processo de internacionalização nas instituições (STALLIVIERI, 2002).

Segundo o mesmo autor, algumas condições fundamentais existem para que se possa estabelecer a cooperação internacional: a) o reconhecimento de protagonistas da cooperação, b) o envolvimento com a cooperação, cientes das limitações de recursos de pessoas e financeiros, c) objetivos de cooperação claros e alinhados com o planejamento e execução da estratégia, d) plano de

atividades concreto, e e) estabelecimento de mecanismos de avaliação das ações de cooperação (STALLIVIERI, 2002).

A partir deste mapeamento do estabelecimento de cooperação, as energias devem ser canalizadas para transpor barreiras gerais de operacionalização do projeto dentro do contexto da Universidade. Dentre estes desafios, destacam-se: (a) a adaptação cultural e informacional para receber estrangeiros, (b) o desenvolvimento de estratégias que contribuam para romper as barreiras de comunicação – sejam elas ocasionadas pela falta de fluência em idiomas estrangeiros por professores e estudantes ou pela ausência de tecnologias que permitam a interação, (c) a identificação de áreas de conhecimento que serão alvo da internacionalização, (d) o levantamento das Universidades internacionais com potencial para parceria, (e) a definição de estratégias para a formalização de convênios que realmente agregam à instituição, (f) o desenvolvimento de mecanismos internos que promovam iniciativas acadêmicas e estimulem a participação de docentes e discentes, (e) a consolidação de uma área institucional que preste suporte aos agentes – internos e externos que participam do processo de internacionalização, e (f) a necessidade constante de captar financiamentos que possibilitem o desenvolvimento contínuo de ações internacionais de forma institucionalizada pela IES, ou seja, sustentáveis – evitando que as iniciativas universitárias fiquem restritas aos programas desenvolvidos pelo Governo para estímulo à internacionalização.

O estabelecimento de redes depende da mobilidade e é a diversidade das redes que propicia, ao integrar fontes de saber de diferentes lugares, a geração inovadora do conhecimento. Esta visão corrobora a afirmativa de que é “no seio das universidades que devem ocorrer os grandes avanços científicos e tecnológicos” (STALLIVIERI, 2002, p. 17).

No cenário atual, torna-se possível por meio do uso de tecnologias digitais a constituição de redes envolvendo pessoas de todo o mundo. Como já amplamente utilizadas na educação a distância (EaD), as tecnologias da informação e comunicação contribuem para o rompimento de barreiras temporais e geográficas.

Neste sentido, este artigo busca refletir sobre as possibilidades do uso das tecnologias como ferramenta para cooperação e internacionalização da educação e apresentar duas experiências para compartilhamento e reflexão. A primeira é sobre a forma de seleção dos candidatos ao Programa de Mobilidade Acadêmica Minas Mundi realizado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A segunda é relacionada a aulas compartilhadas no Instituto Superior de Administração e Economia da Fundação Getúlio Vargas (ISAE/FGV).

## **2 Aspectos da cooperação e internacionalização da educação**

Desenvolver um processo de cooperação e internacionalização universitária que promova ações abrangentes, sustentáveis e transformadoras de inclusão social e global de professores, estudantes e demais servidores da Instituição é um desafio latente. A cooperação e internacionalização não devem considerar exclusivamente as iniciativas pessoais e individuais de pesquisadores. Os acordos firmados entre universidades sediadas em diversas partes do planeta é uma alternativa. Com as tecnologias digitais na palma da mão, em dispositivos móveis, é possível inovar e estar presente nesses diversos locais até mesmo sem sair de casa. Em um mundo globalizado e conectado, via redes de internet, não é admissível que o setor da educação viva em ilhas, isolado, fora do processo de internacionalização. Com os avanços tecnológicos é possível estabelecer intercâmbios mundiais a um custo acessível. O que a Instituição precisa é buscar meios de otimizar essas possibilidades a seu favor. É preciso estabelecer políticas de intercâmbio e formação via rede, como exemplificaremos na próxima seção. Segundo Caetano (2016, p. 88), “a capacidade de desenvolvimento tecnológico dos países está, assim, fortemente dependente da existência de universidades de referência internacional”. E para que isso aconteça, a Instituição precisa externar seus cases de sucesso. Neste aspecto é fundamental que a UEMG invista fortemente em seu setor de comunicação tanto em relação a recursos humanos, como materiais. É importante que cada Unidade da Instituição esteja preparada para o trabalho com diversas mídias de forma objetiva. É preciso também trabalhar a marca

institucional internamente e externamente, ou seja, a comunicação interna e externa devem ser um ponto forte da instituição. Junto a isso, há também a necessidade de sensibilização e o envolvimento dos diversos níveis/setores da instituição sobre a importância do processo de internacionalização.

Uma outra ação importante a ser realizada, e a curtíssimo prazo, é que o site institucional seja também internacionalizado, ou seja, todo seu conteúdo seja disponibilizado em inglês e em outros idiomas. Junto a isso é preciso que seus colaboradores tenham em mãos materiais de divulgação dessas ações e do histórico institucional, também em diversas línguas, para que possam apresentar sempre que saem para representar a Instituição em reuniões científicas.

Aqui está um desafio universitário: formar pessoas, importar e exportar saberes, experiências, serviços, produtos, entre outros. Isso é um aspecto forte, ao se pensar que, no mundo globalizado, as instituições que se fecharem em seu contexto local passarão a ser pouco relevantes.

Neste cenário, é interessante que essas possibilidades estejam também na agenda governamental, sobretudo em se tratando de instituições públicas, como é o caso da UEMG. Isso porque o alinhamento destas ações com as estratégias para a condução das políticas de Estado, bem como, a destinação de recursos que as sustentem, dentro da Instituição e fora dela, devem ser planejadas para ser materializadas. Nesse caso, é preciso formalizar parcerias com outras instituições, investir em desenvolvimento tecnológico, bem como financiar ações de pesquisa, extensão e ensino com vistas a esses aspectos. Refletindo sobre a internacionalização em escala global é necessário atentar-se à importância da mobilidade de ideias no planeta, a circulação da cultura global e a construção de entendimento entre os povos. Para desenvolver a estrutura que possibilite a troca de conhecimentos, as IES que ainda não têm os programas de línguas estrangeiras desenvolvidos, podem contar com o Programa Idiomas sem Fronteiras como alternativa governamental gratuita e acessível tanto para estudantes quanto professores e técnico-administrativos (ABREU-E-LIMA et al., 2016).

Outro aspecto que se pode enfatizar é a internacionalização como bem público, a partir da ideia de que é ação primária no mundo globalizado e de que estamos tratando de educação universitária, com envolvimento dos pilares ensino, pesquisa, extensão, autonomia universitária, produção de conhecimento para a sociedade em cursos de graduação e programas de pós-graduação. Isso em um contexto em que se entende a educação como bem público e direito de todos.

.....  
80

A internacionalização cria um ambiente propício para a inovação. Ao integrar diferentes culturas e valores, conceitos, processos e meios abrem-se possibilidades de captação, aceitação e discussão de novas perspectivas, ou seja, pode-se criar um ambiente de construção colaborativa e, conseqüentemente, de inovação.

### **3 Experiências compartilhadas**

Este trabalho traz à tona duas experiências de internacionalização da educação e que utilizam de tecnologias digitais. A primeira é o Programa Mundi da UFMG e a segunda é um projeto desenvolvido em parceria com o ISAE/FGV e a La Trobe University Business School em Melbourne na Austrália.

O Programa Minas Mundi - Programa de Intercâmbio Internacional para Graduação da UFMG - é uma iniciativa própria da Instituição em vigor há mais de cinco anos e que não encontra paralelos em porte e abrangência em nenhuma outra IES brasileira. Esse programa oferece anualmente vagas em mais de 100 universidades de 20 países, tornando a mobilidade internacional na Instituição uma prática regular e acessível (DRI-UFMG, 2018).

Para participar do programa, os candidatos devem ter completado no mínimo 20% da carga horária total do seu curso no ato da inscrição e devem comprovar proficiência na língua do país de destino. Todos os estudantes selecionados são isentos do pagamento das mensalidades escolares nas instituições estrangeiras anfitriãs.

Por meio do Fundo de Apoio ao Intercâmbio Internacional Discente da UFMG, os estudantes selecionados podem contar com apoio financeiro. Esse auxílio depende da disponibilidade orçamentária e obedece a critérios estabelecidos pelo Comitê de Internacionalização da Diretoria de Relações Internacionais (DRI/UFMG), órgão responsável por todo o processo. No entanto, o estudante que, por qualquer motivo, desistir, não realizar ou não completar o intercâmbio para o qual foi selecionado, deve restituir o valor integral do apoio recebido.

Para proporcionar o desenvolvimento de habilidades orais e escritas necessárias para a vida acadêmica a UFMG oferece a disciplina “Inglês para fins Acadêmicos”. Além disso, todos os seus estudantes podem se candidatar ao Programa Idiomas sem Fronteiras (ABREU-E-LIMA, 2016), oferecido gratuitamente pelo Ministério da Educação (MEC).

O processo seletivo do Programa Minas Mundi ocorre em duas etapas. A primeira, eliminatória, consiste na análise técnica e validação de toda a documentação submetida online pelo candidato no ato da inscrição. A segunda, classificatória, que até 2016 envolvia a arguição oral dos candidatos aprovados na primeira etapa. Um processo lento e que demandava uma logística complicada para atender todos os candidatos.

Em sintonia com as novas tecnologias, a DRI/UFMG fez uma proposta de inovação no processo seletivo. A partir de 2017 passou a utilizar vídeos de apresentações orais e cartas de intenções, na língua exigida pela universidade pretendida pelo candidato, em substituição ao tradicional processo de entrevistas. Diferentemente dos anos anteriores, todos os documentos, tanto da primeira quanto da segunda etapa, deveriam ser enviados no ato da inscrição, em formulário eletrônico específico. Os vídeos de apresentação oral deveriam ter duração mínima de um minuto e máxima de três minutos, gravados nas línguas dos certificados de proficiência apresentados no ato de inscrição.

Essa inovação permitiu à Comissão Examinadora maior agilidade nas avaliações e permitiu aos candidatos expressar tanto sua trajetória estudantil quanto sua motivação para realizar intercâmbio na universidade pretendida no exterior. Em particular, os candidatos deveriam demonstrar também

conhecimento sobre a UFMG, o destino de interesse e quais as contribuições pessoais e acadêmicas que serão trazidas após sua experiência de mobilidade no exterior. Nos vídeos, os estudantes se demonstraram mais tranquilos e menos tímidos, inclusive utilizando recursos típicos de suas próprias áreas do conhecimento, pois aparentavam estarem mais espontâneos e acostumados com essa nova forma de apresentação.

.....  
82

Já a iniciativa conjunta entre a ISAE/FGV e a La Trobe University Business School em Melbourne na Austrália, envolve o desenvolvimento de uma disciplina sobre o tema liderança. O propósito era integrar os participantes dos dois países e propiciar um ambiente de construção de conhecimento envolto em diferentes culturas e valores. A disciplina foi desenvolvida com a elaboração de uma proposta de solução para um caso problema previamente selecionado pelas professoras. Na primeira aula, com as duas turmas conectadas por Skype®, apresentaram-se os conceitos de liderança necessários para instigar uma solução inovadora para o caso, o material de suporte e as tecnologias disponíveis para uso. Na sequência, definiram-se grupos de trabalho com pessoas obrigatoriamente das duas instituições. Os grupos deveriam agendar para se encontrarem virtualmente, gerenciando as divergências de fuso horário e buscando elaborar uma proposta de solução, administrando assim as diferenças culturais e valores ao discutirem as possíveis alternativas de encaminhamento para o caso em estudo. Em momentos preestabelecidos, as professoras promoviam encontros virtuais com todos os grupos para orientação, direcionamento e discussão conjunta de algumas perspectivas que se identificavam com pouco foco. Localmente, cada professora monitorava o desenvolvimento da disciplina junto aos alunos. Ao final da disciplina, todos os grupos apresentaram suas recomendações para o caso e promoveu-se um encontro virtual final para discussão de como se deu o processo de desenvolvimento da solução inovadora para o caso em estudo por cada grupo, quais foram as dificuldades encontradas e como foram superadas.

Essa experiência é relevante no contexto de internacionalização no sentido de reduzir os custos elevados relacionados à mobilidade física internacional, identificados por Knight (2003, 2012), possibilitando otimizar os recursos financeiros necessários ao processo de colaboração internacional.

Recursos tecnológicos foram amplamente utilizados, sendo grande parte dos contatos entre os membros de um grupo realizados por e-mail e videoconferências. O idioma se apresentou como um fator de dificuldade no processo, pois a comunicação de alguns grupos se concentrou em e-mails por não conseguirem se entender por videoconferência. Isso se deu pela falta de preparo para comunicação no idioma inglês e pela dificuldade de entendimento da pronúncia dos alunos de cada país. Surpreendentemente, a tecnologia também foi um fator de dificuldade: administrar a conexão de diversas pessoas no software Skype® se apresentou uma atividade complexa para os participantes, embora todos eles já fossem usuários dessa ferramenta. O protagonismo dos participantes determinou o atingimento do objetivo e a diversidade cultural proporcionou uma rica troca de experiências, contribuindo com os resultados apresentados. As diferentes visões eram expostas e discutidas no grupo, sendo possível identificar a diferença cultural entre os países e assim buscar uma alternativa que fosse assertiva em ambos os cenários. O exercício da interculturalidade foi um fator bastante destacado pelos alunos.

A reflexão que essas experiências provocam no contexto de internacionalização é que quando existe protagonismo entre as partes envolvidas, clareza de objetivos e suporte da instituição, é possível propiciar experiências de colaboração internacional com a utilização de recursos digitais.

#### **4 Considerações finais**

Diante do estudo realizado e das experiências observadas nos cases, percebe-se que o uso das tecnologias digitais pode ser meio de fortalecimento de diálogo e compartilhamento de ideias tanto nos espaços físicos, como nos virtuais, ficando claro que as utilizações das ferramentas devem ter em vista a inclusão e não a intensificação da exclusão. Para isso é fundamental um trabalho institucional de acesso aos meios. Para que a UEMG também possa investir em ações semelhantes é necessário investimento em infraestrutura e formação de pessoal para esse trabalho. É preciso entender as reais demandas e interesses da instituição e então elencar ações necessárias para o alcance

das metas. Por ser uma Instituição multicampi, também é necessário garantias de igualdade de estrutura e acesso nas diferentes unidades, tendo em vista as especificidades de suas comunidades internas.

Partindo da compreensão da internacionalização utilizando as tecnologias, torna-se essencial compreender que este processo é altamente viável, mas complexo. É um processo que requer esforços e investimentos contínuos, exige dedicação constante e não emerge de forma isolada dentro do contexto universitário público. Os cases apresentados evidenciam ações de internacionalização nas quais alunos foram colocados em um ambiente internacional, intercultural e global. Ações como essas podem ser realizadas em uma fase inicial do processo de internacionalização, como forma de amadurecimento das partes, fortalecimento das parcerias e preparação de todos os envolvidos para as mudanças geradas por esse processo. Em ambos os casos, a ação só foi possível em decorrência do ambiente gerado pela tecnologia.

A partir dessas experiências podemos elencar ações que congreguem a internacionalização e a EaD no âmbito da UEMG. Podem ser utilizadas ferramentas de webconferências com convidados nacionais e internacionais, videoaulas em diversas línguas e discussões em grupos, valorização do conhecimento interno. Para tanto, é necessário compartilhar os saberes e ações existentes. Por meio das ferramentas utilizadas na EaD também é possível a criação de fóruns online em redes sociais e na plataforma Moodle, envolvendo toda a comunidade acadêmica e parceiros externos nacionais e internacionais, além do compartilhamento de cursos, entre outras ações que promovam o intercâmbio de informações. É fundamental a identificação de parceiros nacionais e internacionais para oferta contínuas das atividades virtuais. Do mesmo modo, é importante a criação de um Repositório Digital Institucional, que permita à UEMG melhorar seu autoconhecimento, resultando em maior visibilidade das linhas de atuação da comunidade acadêmica e da produção técnica e científica.

Como o segundo case apresenta, uma das limitações que pode surgir é a dificuldade com os idiomas e por isso, entende-se que uma política de ensino de línguas deve anteceder e também caminhar junto com todas as

ações pretendidas. Por fim, enfatiza-se a importância tanto de uma política de mobilidade da comunidade acadêmica local como de uma política de recepção de estrangeiros, utilizando as ferramentas da EaD e demais inovações tecnológicas para o preparo da equipe em todas as Unidades da Instituição, sempre que possível.

## REFERÊNCIAS

ABREU-E-LIMA, D. M. et al. O Programa Inglês sem Fronteiras e a política de incentivo à internacionalização do ensino superior brasileiro. In: SARMENTO, S.; ABREU-E-LIMA, D. M.; MORAES FILHO, W. B. (Org.). *Do Inglês sem Fronteiras ao Idiomas sem Fronteiras: a construção de uma política linguística para a internacionalização*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2016. p. 19-46.

CAETANO, J. C. R. A importância estratégica das universidades e da educação a distância em rede no séc. XXI. In: BRANCO, J. C. S. (Coord.). *EaD: diálogos, compartilhamentos, práticas e saberes*. Barbacena: Ed. UEMG, 2016.

DRI. UFMG. Informativo 2017/2018: Programa Minas Mundi. Belo Horizonte: UFMG, 2018. Disponível em <<https://www.ufmg.br/dri/wp-content/uploads/2017/07/Informativo-Minas-Mundi-2017.pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

KNIGHT, J. Five Myths about Internationalization. *International Higher Education*, n. 69, 2012.

----- . Updating the definition of internationalization. *International Higher Education*, v. 33, n. 6, p. 2-3, 2003.

STALLIVIERI, L. O Processo de Internacionalização nas Instituições de Ensino Superior. *Educação Brasileira: Revista do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras*, Brasília, v. 24, n. 48, p. 35-57, 2002.